

Violência sexual e sexismo linguístico: Das tramas da literatura obrigatória de vestibular à realidade

Sexual violence and linguistic sexism: From the plot of compulsory vestibular literature up to reality

Maria Regina Momesso¹

Karen Wellen da Silva Beltrame²

Sandra Ssu Ying Chen³

Gabriela Rohrbacker Medeiros Longo⁴

Resumo: A literatura obrigatória para os vestibulares nos trazem temas e problemas a serem pensados, tais como a violência sexual e sua naturalização e/ou seu silenciamento, os quais são presentes no cotidiano escolar, seja no ensino médio, técnico ou nas engenharias. O objetivo foi analisar discursivamente o romance *Til* de Alencar com o intuito de se perceber as relações sociais sexuais equivocadas que geram o sexismo linguístico e a violência, as quais se fazem presentes tanto na ficção quanto na realidade. O estudo é bibliográfico e qualitativo. Metodológica e teoricamente se assentou na análise de discurso francesa, especialmente, os estudos foucaultianos sobre o discurso, a literatura e relações sociais de sexo na escola e no mercado de trabalho. Os resultados apontam que o sexismo linguístico que provoca a violência na literatura, não se difere daquele praticado no âmbito escolar. Há necessidade de se pensar a gestão de pessoas e como as relações sociais de sexo interferem no âmbito escolar. A Educação Linguística poderia ser o primeiro passo para melhorar as relações entre as pessoas e essa implica saber se expressar, ter consciência de que os efeitos de sentido das palavras que proferimos podem gerar a cura, o adorno ou a morte.

Palavras-Chave: Linguística; Violência; Gestão de pessoas; Sexismo; Colegial; Engenharia.

Abstract: Literature unveils realities, relates to a knowledge field connected to writing, reading, getting a world interpretation as well as itself and thereafter guides our actions. The compulsory literature focused on vestibular approaches themes and issues to be considered for instance: the sexual violence and the acceptance and/or the silencing of a supposed "rape". This present paper shows the analyses in a discursively way about a novel named *Til*, by Jose de Alencar, whose themes and issues are from the episode of "rape or not rape" of Besita's character. Thereby, it was searched the reading and re-reading the reality inside the text getting a updating about the novel. A bibliographical nature was focused throw the theory literatures and their critical evidences occurred in the analyzed work. Methodology and theoretically, a French discursive line of perspective got settled on Foucauldians works about the discourse analysis, literature and sexuality. The results aim which a discursive analysis promotes the resolution of problems since the personal up to the social sphere. There is the linguistic sexism approached inside the work which teases the violence and it extends to everyday life. A linguistic education becomes necessary, so therefore to reach this goal it is required to learn how to read and to interpret a text properly.

Keywords: Violence; Linguistic; Management; Sexism of people; High school, Engineering.

1: Professora Doutora, CTI/FEB – Bauru, SP e docente permanente do PPG Mestrado em Educação Sexual – Araraquara, SP - Universidade Estadual Paulista (UNESP) e-mail: regina.momesso@feb.unesp.br

2: Discente do 3º ano do Ensino Médio e Técnico de Informática, Colégio Técnico Industrial “Prof. Isaac Portal Roldán” - FEB – Bauru, SP - Universidade Estadual Paulista (UNESP) kah.beltrame@gmail.com

3: Discente do 3º ano do Ensino Médio e Técnico de Informática, Colégio Técnico Industrial “Prof. Isaac Portal Roldán” - FEB – Bauru, SP - Universidade Estadual Paulista (UNESP) e-mail: ying_sandra@hotmail.com

4: Discente do 3º ano do Ensino Médio e Técnico de Eletrônica, Colégio Técnico Industrial “Prof. Isaac Portal Roldán” - FEB – Bauru, SP - Universidade Estadual Paulista (UNESP) e-mail: gabi.melo21@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O problema da discriminação por orientação sexual, o sexismo linguístico e a violência simbólica e, até mesmo física, produzidas e reproduzidas por meio do discurso estão cada vez mais presentes dentro da sociedade. No âmbito organizacional e escolar não é diferente. Todos os anos, tornou-se cotidiano o aparecimento de notícias sobre os trotes machistas, discriminatórios, os quais incitam a violência simbólica e costumam criar um ambiente hostil e conflituoso. Muitas vezes essa violência simbólica nasce nas redes sociais, e os discursos produzidos nesta acabam por se refletir dentro do ambiente escolar, perpetuando o estigma social, revoltas e conflitos de várias ordens. Diante do exposto, urge a necessidade de se trabalhar a gestão de pessoas dentro do âmbito escolar para que haja harmonia, ética e o cuidado de si para com o outro, promovendo assim a igualdade, a cidadania, o respeito dentro do ensino técnico e da engenharia.

Partiu-se da premissa de que antes da ética vem a estética. Um dos meios para se trabalhar com questões polêmicas e delicadas é a arte literária, pois esta expressa à condição social e cultural do homem. A partir do momento que conseguimos nos entender e compreender como a violência simbólica ocorre e nos voltamos para nossa realidade, podemos perceber que ações, palavras proferidas, que achamos “normais”, sem nenhum problema são sementes que podem ocasionar a discriminação, o machismo e o sexismo social. Nesse sentido, como forma de prevenção e com o intuito de promover a gestão de pessoas dentro do ambiente escolar, elaboramos um projeto de pesquisa que envolvesse os livros de leitura obrigatórios para o vestibular. No ano de 2015/2016ⁱ, recortou-se como objeto de estudo o livro “Til” de José de Alencar, objetivando analisar discursivamente o texto, explorando o conflito a partir do qual se constituiu o romance. Observou-se em especial a naturalização e/ou o silenciamento

linguístico/discursivo acerca do “estupro” ocorrido na ficção do século XIX. Com análise discursiva da obra e a atualização da mesma, pode-se perceber que o sexismo linguístico e a violência sexual naturalizada e/ou silenciada na ficção ainda estão presentes no século XXI. Podemos citar casos noticiados nos jornais e revistas, por exemplo, dos trotes agressivos, racismo, homofobia, estupro e até morte dentro das universidades, em especial nas engenharias por serem cursos previamente vistos como masculinos. (VEJA, 2014ⁱⁱ); (G1, 2016).

O conceito de violência simbólica é tratado por muitos estudiosos: para alguns ela é intrínseca à humanidade, para outros é um produto histórico e/ou um produto do desejo pelo poder. A violência simbólica e a sistêmica aparecem sob o véu da normalidade, da naturalização. A simbólica ocorre por meio da linguagem e das imposições discursivas. A sistêmica é uma consequência do sistema político e econômico: a simbólica reforça a sistêmica, e vice-versa (ZIZEK, 2008). Bourdieu (1991) afirma que o poder simbólico pressupõe o não reconhecimento da violência; é uma violência silenciosa por ser naturalizada e legitimada pelo discurso.

De acordo com Foucault (2014) o discurso de “verdade” do sexo e do gênero é determinado por uma construção histórica, portanto, relativa, estando a serviço do estabelecimento de relações de saber e poder sobre os corpos, os comportamentos, os modos de pensar e de dizer, os quais são regulados por dispositivos de controle entre o normal/anormal; racional/irracional; verdade/mentira; certo/errado. O fato é que não temos autonomia sobre os nossos corpos e mentes, estamos, a todo momento, tentando corresponder a uma expectativa social ou ao pertencimento de um determinado grupo e, para tanto, precisamos entrar na ordem do discurso. Foucault (2008) trata do discurso, que sofre procedimentos de controle interno e externo ao próprio discurso. O autor afirma que todo discurso deve entrar em uma ordem, e a ninguém cabe à liberdade de proferi-lo tal qual a sua vontade. Portanto, o discurso não é monológico, este é sempre social, traz em sua materialidade o modo de pensar, de dizer de determinado grupo social em determinado momento histórico. Isto posto, o estudo mostra que precisamos em todos os espaços, especialmente no âmbito escolar (desde a educação básica até a pós-graduação) de uma “Educação Linguística” para que possamos formar sujeitos éticos e mais humanos.

ⁱ Este artigo apresenta parte da pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/Jr intitulada “Da literatura de vestibular à realidade: Um gradil da violência sexual”, financiada pelo CNPq e integra-se as atividades do Grupo de pesquisa GESTELD (Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos) do CTI-FEB-UNESP de Bauru, SP, cuja realização deu-se no período de agosto/2015 a agosto/2016. Na pesquisa objetivou-se trabalhar com a leitura obrigatória dos livros literários para os vestibulares da Fuvest e Unicamp, os quais fizeram parte da lista válida entre 2014 a 2016.

ⁱⁱ Ver <http://veja.abril.com.br/educacao/o-que-esta-por-tras-da-violencia-dentro-das-universidades/>

2 LITERATURA E DISCURSO: OS FIOS DA LINGUAGEM TECENDO A VIOLÊNCIA SEXUAL FICCIONAL

O ensaísta Alfonso Reyes afirma que a literatura constitui-se da expressão mais completa do homem e não uma atividade de adorno. A literatura é instrumento de reflexão sobre a própria condição social e cultural. É instituição sociopolítica aparentemente anacrônica, delimitada por ideologia. Delineia-se como fato social, pois abriga instâncias, instituições e sujeitos acercados por condições econômicas e históricas específicas. Por fim, é produto cultural ativo, integrado a um sistema de trocas em uma comunidade.

A leitura literária, na maioria das vezes, segue um padrão focado na periodização, em exercícios voltados para a decodificação ou para os exames de vestibular (MESQUITA, SOARES; 2015). Em um caminho contrário, defendemos que o trabalho com a prática da leitura literária deve distanciar-se da memorização, da repetição acrítica e, deve sim, buscar o desenvolvimento da capacidade de compreender criticamente o texto literário enquanto multiplicidade de significados dentro das esferas cultural, ideológica, social, histórica e política. Essa leitura crítica deve servir ao leitor como um dispositivo de fruição e de compreensão do próprio ser no mundo em que vive.

De acordo com Momesso e Palma (2014, p. 69-70) a literatura na perspectiva da análise de discurso trata-a como efeito de sentido entre interlocutores. Assim, o discurso é tomado como processo, como movimento, em que se estuda a língua em seu funcionamento. Não se observa apenas os aspectos linguísticos (morfológicos, sintáticos, recursos estilísticos, etc.) do texto, mas também, a relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos (sócio-históricos e ideológicos, políticos, etc.) ligados às condições de possibilidade de produção, recepção e circulação do discurso. No pensamento foucaultiano a literatura é linguagem que lê o tempo e mantém o que se diz no tempo, mas alerta que a superfície coberta de signos é apenas o artilho espacial da duração. *É, portanto, na linguagem que o tempo se manifesta a si mesmo e, além disso, vai se tornar consciente de si mesmo como história.* (FOUCAULT, 2005, p.167).

2.1 A faceta da violência sexual e sexista da ficção alencariana

Til romance de José de Alencar, presente na lista obrigatória de leitura para os vestibulares da FUVEST e UNICAMP até 2016, é classificado por Veríssimo (1929 *apud* BARBOSA, 2015) como romance pitoresco que trata da vida mestiça brasileira e mais tarde por Candido (1993 *apud* BARBOSA, 2015) como romance fazendeiro por descrever a vida rural marcada pelas influências urbanas. É publicado em 1871 - mesmo ano da lei do ventre livre -, como folhetim. O cenário são as fazendas da região de Piracicaba, durante o século XIX. Barbosa (2015) apresenta o romance como um texto que trata de uma sociedade injusta, fraturada, escravocrata e violenta. Nele a protagonista Berta é órfã que procura clarificar o assassinato de sua mãe Besita. Esse crime antigo associa-se ao proprietário da casa grande e ao testemunho da escrava Zana.

Os dramas e virtudes da protagonista Berta são resultados de uma complexa relação familiar culminada no homicídio de sua mãe, quando ela era ainda bebê. Sua mãe Besita é descrita como a moça mais linda e cobiçada daquela região, cortejada e dividida entre dois amores: o do filho de um rico fazendeiro, Luís Galvão, de poucos escrúpulos e inconsequente quando jovem (no livro o narrador usa os termos “magano” e “fragueiro” para a descrição) e o outro Jão Fera ou Bugre é um mestiço órfão, zoomorfozido como um tigre violento. Luís Galvão e Jão Fera foram criados juntos. Quando jovens o mestiço Jão Fera trabalha como um escravo para Galvão, é seu capataz e protetor: *Jão, para defender o moço, tinha necessidade de desancar os assaltantes, pagando em muitas ocasiões com a pele as aventuras galantes do jovem patrão.* (TIL, 2012, p.123).

Besita gosta de Galvão, mas eles não se casam em função dela ser pobre e não corresponder ao tipo de mulher desejada pela família rica do fazendeiro. Besita em conversa com o pai, que pensa a possibilidade dela casar-se com Galvão, a filha o adverte de que isto não seria possível, assim casa-se com Ribeiro. Um dia após seu casamento, o marido é chamado às pressas para a cidade de Itu resolver problemas de herança familiar. Besita, então, vai morar na propriedade de Ribeiro com a escrava Zana, narrativizada bizarramente como demente. Galvão casa-se com D. Ermelinda, a filha de um capitalista de Campinas, cuja educação esmerada fora adquirida num colégio inglês da corte. A cena do “estupro e/ou não estupro” de Besita é descrita da seguinte forma: Besita numa certa noite está à janela rememorando o amor que tinha por Galvão quando a fecha e recolhe-se para dormir. Já deitada, ouve a voz da escrava Zana que o “sinhô”

havia chegado. Ao tentar levantar da cama no escuro para receber seu marido, sente-se envolvida pelos braços do homem, que no caso não era o marido. Já de madrugada é encontrada aos prantos por Zana, é quando Besita a acusa de ter desgraçado sua vida. Dessa relação não consentida nasce Berta. Sua mãe fica em silêncio, não reclama o acontecido com ninguém, criando Berta longe de todos. O marido de Besita retorna depois de dois anos quando vê a criança pequena, conclui que foi traído, assassina Besita e foge. Não consegue chegar a tempo de salvar Berta e leva-a para ser criada por Nha-Tudinha e promete vingar-se de Galvão por ter causado toda a desgraça. O título Til refere-se ao nome dado a Berta por Brás um deficiente mental, a quem a protagonista o ensina a escrever.

Neste romance aparece tematizada a realidade da “mulher do interior”, sua relação com os homens, suas funções, o que lhe é permitido e negado. Pode-se pensar o sexismo social neste romance, pelo jogo com dois mundos distintos: o mundo feminino delicado e ingênuo; submisso e solitário, servil e abnegado, resignado e frágil, sofrido e manso, um mundo que orbita em segundo plano. O mundo masculino é forte e autoritário, soberano e inquestionável, viril e belo, astuto e poderoso, sua órbita é a principal. O sexismo linguístico que naturaliza a violência sexual na ficção aparece sob um jogo de verdade tramado pelo apagamento de determinados discursos e termos para dar destaque a outros que presentificam com naturalidade e normalidade a distinção e segregação dos papéis sociais da mulher e do homem.

A literatura alencariana servia de dispositivo para moldar os modos de pensar, de dizer e se comportar das mulheres do século XIX. De acordo com Brasil (2007) a prática de leitura dos romances de Alencar, como por exemplo, *Til*, funcionava como um manual de instrução à mulher para o casamento, para aceitação da sofrência com resignação. Linguisticamente, podemos perceber isto na resposta de Besita ao pai quando este afirma que ela aceite se casar com Ribeiro: - *O que o meu pai ordenar, eu o farei de boa vontade! (...) Aceitava ela esse casamento como um sacrifício, para salvar a sua virtude, embora à custa dos sonhos fagueiros de sua alma.* (TIL, 2012, p.125).

Alguns termos e colocações sugerem um perfil de mulher contraditório entre a aparência do ser e a sua essência. Assim, o lugar discursivo da mulher na sociedade patriarcal do século XIX poderia ser pensado como o lugar de responsáveis por serem violentadas seja física ou psicologicamente, uma vez que em algumas

alusões colocam-nas como conscientes de seus encantos. Por exemplo, na passagem: *Assim podia gozar desse inocente prazer de ver-se adorada mutuamente como uma santa.* (TIL, 2012, p.125).

Os homens são discursivizados como viris, faceiros e divertidos. O “estupro/não estupro” é caracterizado entre o grupo de fazendeiros em uma reunião festiva, na qual se lembram da juventude com saudades: *como e muitos porventura invejavam ainda aos moços o prazer das estripulias, que já lhes permitiam a gravidade dos anos e a rijeza dos músculos.* (TIL, 2012, p.237). Galvão era tido entre seus pares como *truz, maganão chapado.* O homem que *pescava senão peixões!* Referiam-se ao fato de Galvão ter tido uma relação sexual com Besita, da qual nasceu Berta. *Uma risada geral acolheu a pilhéria, que perturbou o fazendeiro. — Mudemos de conversa! disse ele com algum vexame. D. Ermelinda, que se tinha aproximado da janela vizinha, à procura da filha, apanhara aquele trecho de conversa; e teve um aperto de coração.* (TIL, 2012, p.238).

À mulher cabe o silêncio, o aperto no coração; ao homem o prazer das estripulias. Para a mulher a culpa e a morte, para o homem a risada e a diversão. A tessitura do discurso com determinadas palavras e não outras, com silenciamentos de termos e ênfase em outros, revelam o sexismo linguístico que promove desde a violência simbólica até a física. Toda essa trama histórica estabelece uma ordem discursiva sobre o papel e a representação do masculino e do feminino nos relacionamentos e comportamentos (FOUCAULT, 2008, 2014). Consequentemente naturaliza-se e silencia-se a violência praticada contra a mulher.

Na ficção Alencar descreve o episódio do “estupro não-estupro” de Besita de forma sutil e amena. Dá ênfase a outras coisas tais como animalização dos personagens João Fera, Zana e Brás. E sobre o véu da loucura e da animalidade dos marginalizados pela sociedade, esconde-se a crueldade maior de um ato que custou a vida de um ser humano, o responsável por isso arrepende-, mas a ele não lhe coube nenhuma sanção efetiva.

A naturalização e o apagamento da relação não consentida é tão forte e presente, que entre 24 sites e blogs educativos que trazem os resumos, análises e leituras do livro Til para o vestibular, a palavra “estupro” para se referir a relação não consentida entre Galvão e Besita aparece apenas quatro vezes, os demais classificam-na como uma relação ou uma relação amorosa, que dessa nasce Berta.

2.2 Da ficção alencariana à realidade

Passados quase dois séculos, o cenário parece ter mudado, como por exemplo, a Lei Maria da Penha, entre outras conquistas das mulheres. Entretanto, o preconceito, a violência sexual, o sexismo social ou linguístico permanecem sob nova roupagem. Se antes tínhamos como mídia a literatura, hoje as redes sociais ocupam esse lugar midiático para uma grande maioria de jovens e adultos.

O caso do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro em maio de 2016 é um exemplo a ser destacado. Uma jovem menor de idade foi dopada e violentada por 30 homens. A adolescente teria ido até a casa do namorado com quem se relacionava, e este a dopou. Quando acordou, disse que estava nua com 33 homens armados. Um dos estupradores publicou no seu perfil do Twitterⁱⁱⁱ: "Estado do Rio de Janeiro inaugura o novo túnel para passagem do trem bala do marreta", e em seguida publicou o vídeo da jovem dopada, depois de ser abusada pelo menos por 30 homens. Nas imagens, a garota ainda estava despida e com suas partes íntimas sangrando. Na postagem do vídeo^{iv} por um dos estupradores, este coloca na legenda: "Amassaram a mina, entendeu ou não ou não entendeu? Kkk" (sic).

Como visto anteriormente, o escritor José de Alencar se valia de seus romances para educar e formar por meio da palavra o comportamento e papel da mulher daquele momento. Hoje, podemos considerar as redes sociais umas dessas mídias de formação de opinião e comportamento, ditadas por diversas pessoas. A repercussão do caso do estupro coletivo nas mídias sociais mostra que, ainda se tem uma visão muito equivocada sobre as situações em que ocorrem a violência sexual, a exemplo, podemos citar a polêmica gerada pelo cantor e compositor Lobão acerca deste caso. O cantor afirmou em seus posts no twitter que o Brasil seria uma fábrica de "mini putas"^v, em que a "cultura da erotização precoce é alarmante", o caso de estupro não seria algo a se surpreender.

Saindo do âmbito social e observando o espaço educacional, percebe-se pelas notícias midiáticas que o sexismo linguístico e a violência simbólica sexual são presentes, apesar de todas as leis, dos cuidados das instituições de educação para evitar situações de desigualdade e violência.

ⁱⁱⁱFonte:<http://www.diariodopoder.com.br/noticia.php?i=56612576460>

^{iv} Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=0E_o-sexFeY

^v Ver site: http://www.brasilpost.com.br/2016/05/27/story_n_10171086.html

Os cursos conhecidos como da área das exatas, culturalmente, possuem a pecha de serem cursos para homens e não para mulheres. Se observarmos algumas páginas do *facebook* frequentadas por alunos de cursos do Ensino Médio e Técnico de Mecânica ou Eletrônica e/ou da graduação das Engenharias, por exemplo, é comum identificar o sexismo linguístico em forma de discurso humorístico.

Foucault (2009) argumenta em seu texto "Microfísica do Poder" que as relações de poder acontecem entre homens e mulheres, entre pais e filhos, por meio do que se sabe e do que não se sabe, portanto, na sociedade desde a antiguidade as relações de poder, se fazem em pequenos enfrentamentos, em microlutas. A formação do indivíduo, que vai se traduzir em seu modo de pensar e de dizer, constitui-se nas Instituições sociais, a partir da família, em que as relações de poder sobre o corpo se mostram tão evidentes e sintomáticas, pois cada sociedade parte de um conjunto de saberes e valores que utiliza como base para formar o tecido social. Todos os gestos discursivos educacionais, valorativos e religiosos serão empenhados por essas Instituições (Estado, família, escola, justiça, medicina, religião, mercado de trabalho) para efetivar e fazer circular tais conjuntos de saberes.

O sexismo linguístico que circula nas redes sociais, não foi inventado, não ocorre do nada, mas sim, reflete as relações de força de instituições. São jogos de verdade, relações de saberes e poderes que tramam o discurso da violência simbólica: disfarçam-se, camuflam-se sob diversos gêneros, especialmente, pela linguagem humorística, com aparência de diversão, ingênua e sem problemas. Esse sexismo linguístico constituído a partir de práticas discursivas que são naturalizadas, na maioria das vezes, acaba por se transformar em violência simbólica ou física. A exemplo, podemos citar a matéria jornalística de 19 de setembro de 2016^{vi} sobre o acontecimento dentro do âmbito escolar, em que um professor da Universidade Federal da Paraíba, denuncia a apologia ao estupro no trote dos cursos ligados às engenharias. Essa apologia se deu por meio de uma placa "miss estupra". O professor passando pelos corredores da universidade, ouviu colegas debatendo sobre o assunto, e um deles comenta o que viu nas redes sociais "A aluna conseguiu pegar a placa e levou para denunciar e provar o acontecimento. Eu

^{vi}

Ver <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/07/comiss-ao-propoe-sindicancia-para-investigar-apologia-estupro-na-ufpb.html>

fiquei indignado com a situação e resolvi postar o material para que as pessoas se conscientizassem sobre a situação”. Não podemos afirmar que os discentes que fizeram a placa, estavam conscientes do sexismo linguístico e da violência simbólica e até física contida nessa “brincadeira”, pois como visto anteriormente o discurso sexista e da violência culturalmente, ideologicamente e historicamente está entranhado nas pessoas que reverberam o mesmo discurso do século XIX presente na obra Til.

Diante desse quadro cabe aos discentes e docentes dos cursos técnicos e das engenharias iniciar uma conscientização dessa problemática, que pode ser realizada a partir da leitura reflexiva e crítica sobre o assunto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que temos que ter uma educação ética, mas também uma educação para o comportamento linguístico tanto no que se diz respeito, a saber, expressar as injustiças, ou seja, aqueles que sofreram a violência sexual devem saber entrar na ordem do discurso para se defender. Assim também, os que julgam os fatos por meio de um repertório e conhecimento cultural, ideológico monológico.

Acordamos com as palavras de Meseguer (1994, p.21, *apud* Treviño, 2014, p.165) “Esses exemplos são uma mostra do sexismo linguístico que herdamos e que nos invade, graças à camada cultural de caráter patriarcal”, ao que podemos acrescentar que nosso modo de pensar sobre uma questão também se dá pelo modo como apreendemos e vemos o mundo, seja por meio da mídia ou de um livro de literatura. Se os livros de Alencar serviam de manual para uma educação da mulher para o casamento, hoje, ele pode ser estudado sob o viés de uma leitura crítica. Essa leitura deve nos fazer entender que somos feitos dos discursos que circulam em nosso meio, entramos em sua ordem de acordo com os procedimentos de controle e exclusão dos mesmos. Mas, para toda ordem há a possibilidade do desvio, da deriva, de se reconstruir o discurso, de reconfigurá-lo para que “a verdade” possa ser outra, mais ética, igualitária e menos violenta.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de nossos próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si. (FOUCAULT, 2000, p. 48-49).

É necessário atentar para o que os gregos pensavam sobre a palavra. Esta seria como uma droga (*phármakon*), que dependendo de como é usada serve para matar, embelezar ou curar.

4. AGRADECIMENTOS

Agradecemos à UNESP – Faculdade de Engenharia e ao CTI - Bauru pelo apoio nesta publicação.

5. FINANCIAMENTO

Bolsa IC - PIBIC/Jr/CNPq - 2015/2016

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José. *Til*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2012.
- BARBOSA, P. M. A fazenda assombrada: Figurações da escravidão no romance *Til* de José de Alencar. *Revista do Instituto Brasileiro de Estudos Brasileiros*, Brasil, nº 60, p.55-76, abr. 2015.
- BOURDIEU, P. *Language and Symbolic Power*. Massachusetts, Harvard University Press, 1991.
- BRASIL, F. P. P. *Contos de fadas e o casamento na prosa romântica de José de Alencar*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. PPG em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2007.
- FOUCAULT, M. *Aulas sobre a vontade de saber: curso no collège de France*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.
- _____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.
- _____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16 ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____. *Linguagem e Literatura*. In: MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MESQUITA, S.V.D.de; SOARES, S. R. Práticas de Letramento Literário: Modelos escolares. In: *Interfaces*. Periódico da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Vol.6 n.2, Dezembro, 2015.
- MOMESSO, M. R.; PALMA, G. M. Nos fios do mundo das linguagens interativas das redes sociais: práticas, discursos, leituras e escritas construindo sujeitos. In: MOMESSO et ali. (Orgs.) *Das práticas do ler e escrever: Ao universo das linguagens, códigos e tecnologias*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2014. (p.69-70)
- TREVIÑO, M. E. F. Educação superior e discurso: gênero e sexismo linguístico. In: MOMESSO, M. R. ; ASSOLINI, F.P.; CURCINO, L.; BURLAMAQUE, F. V.; PALMA, G. *Das práticas do ler e escrever: Ao universo das linguagens, códigos e tecnologias*. Porto Alegre: Cirkula, 2014.
- ZIZEK, S. *Violence: Six Sideways Reflections*. London, Profile Books.

